



Clausen, do BIRD, discutirá com Galvães proposta de co-financiamento

Pastore diz que Tancredo não tem lugar na dívida

"O governo Figueiredo vai até 15 de março e faremos tudo o que está traçado até 15 de março": este foi o único comentário, lacônico, do presidente do Banco Central, Affonso Pastore, a propósito das declarações do candidato Tancredo Neves defendendo a participação dele e do candidato do PDS na elaboração da próxima carta de intenções ao FMI. Essa participação havia sido admitida, recentemente, pelo diretor da área Externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano.

Pastore declarou que a fase III de renegociação da dívida brasileira não tem que, necessariamente, ter as mesmas condições obtidas pelo México.

Galvães viaja

A proposta do Banco Mundial, relativa a co-financiamento de empréstimos externos para o Brasil, no próximo ano, deve ser definita sexta-feira, em Washington, durante reunião entre o presidente do banco, Alden Clausen, e o ministro da Fazenda, Ernane Galvães, que no mesmo dia ainda terá encontro com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jacques de Larosière.

O ministro da Fazenda viajou ontem à noite aos Estados Unidos e amanhã participa de almoço na Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, em Nova Iorque quando deve enfatizar em discurso para o perigo que representa o elevado déficit fiscal norte-americano. Dirá Galvães que, se o déficit resultar em ascensão das taxas de juros internacionais, vai desmantelar de vez a economia das nações em desenvolvimento, com problemas no pagamento do serviço da dívida.

Durante sua permanência nos Estados Unidos, o ministro Ernane Galvães vai par-

ticipar da reunião anual do FMI e do Banco Mundial e terá encontro com mais de vinte banqueiros do Canadá, Estados Unidos, Europa e Japão, já discutindo o que poderá vir a ser a próxima renegociação da dívida externa brasileira. Galvães defende a capitalização de juros, isto é, a inclusão do pagamento de juros no refinanciamento, mas recomenda prudência nessa proposta, porque nem todos os banqueiros a aceitam.

Galvães manterá dois encontros importantes logo sexta-feira: com Larosière discutirá o novo programa de ajustamento da economia, esboçado na sexta carta de intenções em discussão com o FMI; e com Clausen, em torno da proposta do Banco Mundial, relativas a co-financiamento de empréstimos para o País. Aparentemente, isso significaria um novo modelo para a renegociação da dívida externa brasileira. O Banco Mundial exigiria a participação de bancos privados em pacotes de empréstimos ao País, cobrando "spread" (taxa de risco) muito reduzidas e taxas de juros estáveis. Na eventualidade da elevação das taxas de juros, o Banco Mundial se responsabilizaria pela cobertura do aumento, garantindo com isso a estabilidade no pagamento das prestações anuais pelo Brasil.

Ocorre que as autoridades brasileiras têm receios à proposta, sobretudo por causa da rigidez de suas condições e pela severidade de sua fiscalização. Para fechar esse co-financiamento, o Banco Mundial certamente fará mais exigências ao País, no sentido de aumentar sua intervenção na economia nacional. Outro problema é que as autoridades brasileiras temem a redução do crédito comercial direto pelos bancos privados internacionais, na medida em que eles já serão convocados pelo Bird a aderir ao co-financiamento.